

## O resgate de Fatme

*Tradução de Gabriela Linck*

Meu irmão Mustafá e minha irmã Fatme tinham mais ou menos a mesma idade. Mustafá era, no máximo, dois anos mais velho. Os dois se amavam profundamente e juntos ajudavam em tudo que fosse possível para aliviar o peso da idade de nosso pai enfermo. No décimo sexto aniversário de Fatme, meu irmão organizou uma festa. Convidou todas as companheiras de Fatme e serviu a elas, no jardim do pai, finas especialidades culinárias. Quando o fim da tarde chegou, convidou-as para velejar um pouco mar adentro em um barco que havia alugado e enfeitado festivamente. Fatme e suas companheiras concordaram com satisfação; afinal, o fim da tarde estava lindo e, especialmente à tardinha, quando observada do mar, a cidade garantia uma vista magnífica. Às meninas agradava tanto estar no barco, que persuadiram meu irmão a velejar mar adentro. Mustafá cedeu, de mau grado, pois há alguns dias um corsário havia sido surpreendido. Não muito longe da cidade, estendia-se no mar uma serra. Lá queriam ir as meninas, para ver o sol se pôr no mar. Quando remavam nas redondezas da montanha, avistaram perto dali um barco ocupado por pessoas muito bem armadas. Com maus pressentimentos, meu irmão ordenou aos remadores que dessem meia-volta e remassem até a terra. De fato, a desconfiança de meu irmão parecia se tornar realidade, pois aquele barco se aproximou rapidamente do de meu irmão, ultrapassou-o, já que contava com mais remadores, e se mantinha sempre entre nosso barco e a terra.

As meninas, porém, quando perceberam o perigo que corriam, pularam, gritaram e se lamentaram. Inutilmente, Mustafá procurou acalmá-las; inutilmente, solicitou que ficassem calmas, pois, correndo de um lado para o outro, colocariam o barco a perigo de naufrágio. A tentativa fracassou e quando, finalmente, após a aproximação da outra canoa, todas se lançaram para a parte de

trás do barco, este naufragou. Neste meio tempo, porém, foi observada da terra a movimentação da canoa estranha e, já que há algum tempo havia preocupação em relação aos corsários, tal canoa levantou suspeita, e mais barcos partiram rapidamente da terra para nos socorrer. No entanto, chegaram apenas a tempo de resgatar os que se afogavam. Na confusão, a canoa inimiga escapou. Nos dois barcos em que se encontravam os socorridos, porém, não se sabia se todos haviam sido resgatados. Ambos se aproximaram e... Oh, não! Percebeu-se que minha irmã e uma de suas companheiras faltavam e, ao mesmo tempo, que em um dos barcos havia um estrangeiro que ninguém conhecia. Ameaçado por Mustafá, o estrangeiro alegou que pertencia à embarcação inimiga, ancorada duas milhas a oeste, e, com pressa de fugir, teria sido abandonado por seus companheiros de viagem, pois ele estava disposto a ajudar no salvamento das meninas. Também disse ter visto como transportaram duas delas para a embarcação.

A dor de meu pai era infinita, mas também Mustafá estava deprimido até a morte. Não só sua irmã estava perdida, e ele se culpava por sua desgraça, mas também a amiga de Fatme, que compartilhava do mesmo infortúnio, havia sido prometida por seus pais a Mustafá. Para nosso pai ele ainda não havia ousado contar a respeito do noivado, pois os pais da menina eram pobres e de origem humilde. Meu pai, no entanto, era um homem forte. Quando sua dor abrandou um pouco, permiti que Mustafá o visitasse e disse a ele: “Teu disparate roubou o consolo de minha idade e a alegria de meus olhos. Vá embora, eu te condeno eternamente perante mim, eu amaldiçoo a ti e aos teus descendentes, porém, se me trouxeres Fatme de volta, tua cabeça estará livre da maldição do pai”.

Por isso não esperava meu irmão. Já antes, ele havia decidido procurar a irmã e sua amiga, só queria pedir a bênção do pai antes de partir. E agora o pai o jogava mundo afora com uma maldição. Se a primeira desgraça já fora humilhante, agora o grande infortúnio imerecido roubaria sua coragem.

Ele foi até o pirata prisioneiro e perguntou por onde viajava sua embarcação. Descobriu que eles praticavam comércio de escravos e organizavam regularmente uma grande feira em Balsora.

Quando voltou para casa, a fim de preparar-se para a partida, a fúria do pai parecia ter abrandado um pouco, pois ele lhe mandou um pequeno saco de ouro para as despesas da viagem. Mustafá despediu-se chorando dos pais de Zoraide, como se chamava sua noiva, e pôs-se a caminho de Balsora.

Mustafá viajou por terra, pois em nossa pequena cidade não havia no momento um navio que fosse até Balsora. Ele precisava viajar sem descanso todos os dias, para não levar muito tempo até chegar aos piratas em Balsora; como tinha um bom cavalo e nenhuma bagagem, poderia ter esperança de alcançar a cidade no fim do sexto dia. Porém, à tardinha do quarto dia, quando cavalgava completamente só pelo seu caminho, três homens o atacaram. Ao notar que eram fortes, estavam bem armados, e que a situação arriscava, além de seu dinheiro

e seu cavalo, sobretudo a sua vida, gritou-lhes que gostaria de se render. Eles desceram dos cavalos e amarraram os pés de Mustafá embaixo da barriga de seu animal, o colocaram entre os cavalos e, enquanto um tomava as rédeas da montaria de Mustafá, o levaram, velozmente, sem dizer palavra.

Mustafá entregou-se a uma angústia sombria: a maldição de seu pai parecia estar lamentavelmente se conduzindo ao cumprimento, e como ele poderia ter esperanças de salvar sua irmã e Zoraide, quando, com todos os seus meios roubados, dispunha apenas de sua pobre vida para libertá-las? Mustafá e sua escolta silenciosa deviam estar cavalgando por uma hora quando dobraram em direção a um pequeno vale lateral. O valezinho era adornado por árvores altas; uma relva macia verde escura, um riacho, que se agitava com rapidez ao redor do centro, convidavam ao descanso. De fato, ali ele viu também montadas de quinze a vinte tendas; em suas estacas estavam atados camelos e belos cavalos. De uma das tendas da frente soava a alegre melodia de uma cítara e duas belas vozes masculinas. A meu irmão parecia que, por terem organizado um lugar tão agradável, tais pessoas não poderiam ter nada de terrível em mente contra ele. Seguiu então sem receio o chamado de seu condutor que, soltando-o de suas amarras, fez sinal para que descesse. Levaram-no a uma tenda maior do que as demais, muito bem adornada por dentro, com todas as minúcias. Almofadas luxuosas, bordadas com fios de ouro, tapetes valiosos e incensários banhados a ouro, que, em outro lugar, teriam revelado riqueza e boa vida; ali, denunciavam apenas um furto audacioso. Em uma das almofadas estava sentado um pequeno ancião; seu rosto era detestável, sua pele, escura e brilhosa, e uma feição infeliz, de esperteza malvada, nos olhos e na boca, apresentavam um aspecto odioso. Apesar da tentativa desse homem de dar-se algum prestígio, Mustafá logo percebeu que não devia ser em função dele que a tenda estava tão arrumada, e a conversa com o seu condutor pareceu endossar a suspeita.

– Onde está o Forte? – perguntaram ao pequeno.

– Ele foi caçar um pouco, – respondeu aquele, – mas encarregou-me de representá-lo.

– Isso não foi sensato da parte dele, – contrapôs um dos ladrões, – é preciso decidir logo se esse cão maldito deve morrer ou pagar, e isso o Forte sabe melhor do que tu.

O pequeno homem encheu-se de toda a sua dignidade e esticou-se longamente para, com a ponta de sua mão, alcançar a orelha de seu oponente, pois parecia ter vontade de vingar-se com um golpe. Porém, quando percebeu que seu esforço seria inútil, começou a xingar (e para dizer a verdade, os demais faziam a mesma coisa!), de modo que a tenda retumbava com o barulho. Neste instante, a porta abriu de uma vez só e ali entrou um homem alto e imponente, jovem e belo como um príncipe persa; suas roupas e armas eram (sem contar um punhal ricamente adornado e um sabre que brilhava) poucas e simples; mas seu olhar grave e toda sua compostura impunham respeito sem pôr medo.

– Quem é este que ousa provocar uma briga em minha tenda?– gritou ele aos assustados. Por certo tempo fez-se um profundo silêncio; finalmente um daqueles que haviam trazido Mustafá contou o que tinha acontecido. Nesse momento, o rosto do “forte”, como eles o chamavam, pareceu ficar vermelho de raiva.

– Quando foi que eu lhe designei para me substituir, Hassan?– gritou ele para o Pequeno, com uma voz terrível. Este se encolheu de pavor, de modo que parecia menor do que antes, e rastejou até a porta da tenda. Um bom pontapé do Forte fez com que ele voasse para fora da tenda de uma só vez.

Assim que o pequeno desapareceu, os três homens levaram Mustafá até o senhor da tenda, que enquanto isso se acomodava na almofada.

– Trazemos aqui aquele cuja prisão foi ordenada.

Ele contemplou longamente o prisioneiro e depois falou:

– Paxá de Sulieica! Sua própria consciência irá dizer, porque estás diante de Orbasan.

Ao ouvir isso, meu irmão lançou-se aos pés daquele e respondeu:

– Ó senhor! Estais equivocado. Sou um pobre infeliz, mas não o Paxá que procurais!

Todos na tenda estavam surpresos com o diálogo. O senhor da tenda, porém, disse:

– Pouco te ajudará dissimular, pois vou te mostrar para pessoas que te conhecem muito bem.

Ele ordenou a vinda de Zuleima. Trouxeram uma anciã para a tenda, a qual, quando questionada se reconhecia meu irmão como Paxá de Sulieica, respondeu:

– Com certeza!

E ela jurou sob o túmulo do profeta que ele era o Paxá e nenhum outro além desse.

– Vê, desgraçado, como tua astúcia cai por terra!–, comentou zangado o Forte. És para mim demasiado miserável para que manche meu bom punhal com teu sangue, mas vou amarrar-te no rabo de meu cavalo, amanhã, quando o sol nascer, e vou trotar contigo até que te decomponhas atrás da colina de Sulieica!

Assim, diminuí a coragem de meu irmão.

–É a maldição de meu severo pai, que me arrasta a uma morte tão hedionda, – disse ele às lágrimas, – e também tu estás perdida, querida irmã, e também tu, Zoraide!

– Tua dissimulação não ajuda em nada, – disse um dos ladrões, enquanto amarrava as mãos do prisioneiro às costas. – Sai da tenda!

O Forte mordeu os lábios e olhou para o punhal.

Se queres viver mais uma noite, vem!

Enquanto os ladrões retiravam meu irmão da tenda, vieram mais três, trazendo à frente um prisioneiro. Entraram com ele.

– Aqui te trazemos o Paxá, como nos ordenaste, – falaram eles e conduziram o prisioneiro até a almofada do Forte. Quando o prisioneiro foi levado até lá, meu irmão pôde observar o quanto se pareciam, Mustafá apenas tinha o rosto e uma barba mais escuros.

O Forte parecia muito admirado com a aparição desse segundo prisioneiro.

– Qual de vocês é o certo? – perguntou, enquanto olhava, ao mesmo tempo, para ele e para meu irmão.

– Se te referes ao Paxá de Sulieica, – respondeu com orgulho o prisioneiro, – este sou eu!

O Forte dirigiu a ele um olhar sério e terrível; e então fez um sinal, em silêncio, para que levassem o Paxá dali.

Depois do ocorrido, ele foi até meu irmão, despedaçou suas amarras com o punhal e fez sinal para que sentasse em uma almofada.

– Lamento, estrangeiro, – disse ele, – ter-te confundido com este monstro terrível; é, no entanto, um estranho acaso dos céus que tu, exatamente na hora consagrada à execução daquele louco, tenhas sido conduzido pelas mãos de meu irmão. Mustafá pediu apenas o favor de poder continuar sua viagem naquele momento, pois qualquer adiamento poderia ser nefasto para ele. O Forte informou-se sobre o assunto urgente e, assim que Mustafá explicou tudo a ele, este o convenceu a passar a noite na tenda, já que meu irmão e seu cavalo precisariam de descanso; mas, no dia seguinte, o Forte mostraria um caminho que em um dia e meio os levaria até Balsora. Meu irmão aceitou, foi muito bem servido, e dormiu tranquilamente até a manhã seguinte na tenda do ladrão.

Quando acordou, encontrou-se totalmente sozinho na tenda; porém, ouviu algumas vozes que se misturavam atrás da cortina, as quais pareciam pertencer ao senhor da tenda e ao pequeno homem moreno. Ele escutou um pouco e descobriu, para seu espanto, que o pequeno solicitava ao outro que matasse com urgência o estrangeiro, porque este, quando fosse libertado, poderia trair a todos.

Mustafá percebeu logo que o pequeno deveria estar zangado com ele, porque havia sido repreendido por causa de meu irmão; o Forte parecia refletir por alguns momentos.

– Não, – disse ele, – ele é meu convidado, e o direito dos convidados é valioso para mim. Além disso, ele não me parece do tipo que gostaria de nos trair.

Tendo assim falado, afastou a cortina e entrou.

– Que a paz esteja contigo, Mustafá, disse ele, – vamos saborear a bebida matinal, e então te prepara para a partida! Ele estendeu para meu irmão uma taça de *sorbet* e, assim que tomaram, enfrearam os cavalos. Com o coração bem mais leve do que quando chegou, Mustafá montou no cavalo. Assim que deixaram as tendas para trás, tomaram um atalho que levava até a floresta. O Forte explicou ao meu irmão que aquele Paxá, que eles teriam capturado na caçada, havia prometido permanecer em seu território sem cometer agressões;

no entanto, algumas semanas antes, ele tinha capturado um dos homens mais valentes do Forte e o estrangulado sob o pior dos martírios. O Forte estava a sua procura por um bom tempo e agora ele deveria morrer. Mustafá não ousou objetar; ele já estava contente por ter sua [própria] cabeça a salvo.

No final da floresta, o Forte parou seu cavalo, descreveu o caminho a meu irmão, ofereceu a mão para a despedida e disse:

– Mustafá, de uma forma muito estranha te tornaste hóspede do ladrão Orbasan. Não vou pedir para não revelares o que ouviste e viste. Tiveste medo da morte por motivo injusto e te devo uma reparação. Toma este punhal como lembrança e, se precisares de auxílio, manda-me de volta, que então me apressarei para socorrer-te. No entanto, poderás precisar deste saco para tua viagem.

Meu irmão agradeceu pela generosidade; tomou o punhal, mas recusou o saco. Orbasan apertou novamente sua mão, deixou que o saco caísse no chão, e desapareceu rapidamente na floresta. Quando Mustafá percebeu que ele não poderia mais o alcançar, desceu para apanhar o saco e surpreendeu-se com a solidariedade de seu anfitrião, pois o saco continha uma boa quantia de dinheiro. Ele agradeceu a Alá pela sua libertação, ofereceu os nobres ladrões à sua misericórdia, e com a coragem reanimada abriu caminho para Balsora.

Lezah calou-se e olhou para Achmed, o velho vendedor, com olhar de indagação.

– Bem, se é assim, disse este, – então tenho o prazer de melhorar meu conceito sobre Orbasan, ele realmente agiu muito bem com seu irmão.

– Ele agiu como um bom muçulmano, – alegou Muley, – mas espero que sua história não tenha terminado assim; garanto que estamos todos ansiosos para ouvir como seu irmão se saiu e se ele libertou Fatme, sua irmã, e a bela Zoraide.

– Se não os aborreço, será um prazer continuar contando, – respondeu Lezah–, pois a história de meu irmão é cheia de aventuras e maravilhas.

Ao meio-dia do décimo sétimo dia de sua viagem, Mustafá cruzou o portão de Balsora. Assim que desceu em um ponto de caravanas, perguntou quando começava a feira de escravos, que ali acontecia anualmente. No entanto, recebeu a terrível resposta de que chegara dois dias atrasado. Lamentava-se por seu atraso, e foi contado a ele o quanto havia perdido, pois no último dia chegaram duas escravas de tamanha beleza, que os olhos de todos os compradores tinham se voltado a elas. Houve muitas disputas por elas, e certamente elas foram vendidas por um preço muito alto, apenas o seu atual senhor poderia dar-se ao luxo de gastá-lo. Ele se informou sobre tais escravas, e então não lhe restou nenhuma dúvida de que eram as duas infelizes que ele procurava. Também descobriu que o homem que havia comprado as duas morava a quarenta horas de Balsora e se chamava Thiuli-Kos, um homem rico e distinto, mas já de idade avançada.

Fora outrora o Kapudan-Paxá<sup>1</sup> do Grão-Vizir, porém agora estava aposentado, gozando de toda a sua fortuna.

De início, Mustafá desejava imediatamente voltar ao seu cavalo e se apressar em busca de Thiuli-Kos, que deveria estar, no máximo, a um dia de vantagem na sua frente. No entanto, ao refletir que ele sozinho nada poderia fazer contra os poderosos viajantes, e menos ainda para arrebatá-los suas vítimas, pensou rapidamente em outro plano. A confusão com o Paxá de Sulieica, que tinha sido bastante perigosa para ele, deu-lhe a ideia de entrar com esse nome na casa de Thiuli-Kos e assim arriscar o resgate das duas infelizes meninas. Alugou alguns cavalos e criados (e, para tanto, as moedas de Orbasan vieram em boa hora), providenciou roupas luxuosas para si e seus criados e pôs-se a caminho do castelo de Thiuli. Depois de cinco dias, chegou às redondezas do castelo. Ele ficava em uma bela planície e ao redor era cercado por altos muros, de forma que muito pouco da construção podia ser visto de fora. Ao chegar lá, Mustafá tingiu seu bigode de negro e untou a pele com a seiva de uma planta, que lhe dava um tom amarronzado, bastante parecido com o do paxá. Logo depois, mandou um de seus criados, em nome do Paxá de Sulieica, solicitar um lugar para passar a noite. O criado voltou em seguida, acompanhado de quatro escravos bem vestidos, que tomaram o cavalo de Mustafá pelas rédeas e o conduziram ao pátio do castelo. Lá, eles o ajudaram a descer do cavalo, e outros quatro escravos o guiaram por uma estrada de mármore até Thiuli.

O alegre ancião recebeu meu irmão respeitosamente e serviu a ele o melhor que seu cozinheiro pôde preparar. Depois da refeição, Mustafá foi aos poucos introduzindo a conversa sobre as novas escravas, cuja beleza Thiuli elogiou e apenas lamentou que andavam muito tristes, porém achava que isso logo passaria. Meu irmão ficou muito feliz com essa recepção e deitou-se com as mais belas esperanças.

Ele devia estar dormindo há mais ou menos uma hora, quando acordou com a luz de um lampião, cujo brilho cegava seus olhos. Ao se levantar, achou ainda estar sonhando, pois diante dele estava aquele pequeno homem moreno da cabana de Orbasan, com um lampião em punho e a larga boca retorcida em um sorriso desagradável. Mustafá beliscou o braço e puxou o nariz para se convencer de que estava realmente acordado, porém a aparição permanecia ali exatamente como antes.

– O que queres em minha cama? – gritou Mustafá, depois de se recuperar do susto.

– Não te aborreças, senhor!– disse o Pequeno, – adivinhei muito bem o motivo pelo qual o senhor veio até aqui. Mesmo que tua estimada face ainda me seja muito familiar, realmente, se eu não tivesse ajudado a enforcar o paxá

---

<sup>1</sup> Título turco equivalente ao grau de almirante (N.T.)

com as minhas próprias mãos, quem sabe o senhor tivesse me enganado. No entanto, agora aqui estou para fazer uma proposta.

– Antes de tudo, diga como veio até aqui, – revidou Mustafá, – furioso por ter sido desmascarado.

– Isso eu pretendo dizer, – respondeu aquele, – não podia mais tolerar o Forte, por isso escapei; mas tu, Mustafá, foste de fato a causa de nossa desavença, por isso deves me dar a mão de tua irmã em casamento e então te ajudarei na fuga; se não me deres, então vou até meu novo senhor e conto a ele algo sobre o novo paxá.

Mustafá estava fora de si de tanta raiva e pavor; justo agora, quando achava estar a ponto de alcançar seus desejos, tinha que vir esse miserável e malográ-los todos! Havia apenas um meio de salvar seu plano: matar o pequeno monstro. De um salto, ele pulou da cama em direção ao pequeno; mas este, que provavelmente tinha previsto algo semelhante, deixou o lampião cair, fazendo com que a luz se extinguisse, e saiu correndo na escuridão, gritando desesperadamente por socorro.

Agora, a situação era complicada. Naquele exato momento, ele precisava desistir das meninas e pensar apenas na própria salvação. Por isso, foi até a janela ver se teria chances de escapar por ali. A distância até o chão era considerável e do outro lado havia um muro alto que precisava ser pulado. Pensativo, ele permaneceu diante da janela, até que ouviu várias vozes se aproximando do seu quarto e que logo chegaram até a porta. Então, apanhou desesperado seu punhal e suas roupas e se jogou pela janela. A queda foi forte, mas ele sentia não ter quebrado nenhum osso, então se levantou de um salto, correu até o muro que cercava o castelo, subiu o muro, para espanto de seus perseguidores, e logo se encontrou em total liberdade. Correu até chegar a um pequeno bosque, onde, exausto, se lançou ao chão. Ali, refletiu sobre o que poderia ser feito.

Seus cavalos e seus criados fora preciso deixar para trás, mas, suas moedas, que carregava no cinturão, foram salvas.

Sua mente engenhosa logo mostrou outro caminho para o resgate. Ele seguiu pelo bosque até chegar a uma pequena aldeia, onde comprou, por um preço baixo, um cavalo que rapidamente o levou até uma cidade. Lá procurou por um médico e recomendaram a ele um ancião experiente. Convenceu-o, com algumas moedas de ouro, a fornecer um medicamento que induzisse a um sono semelhante à morte e outro que imediatamente agisse como antídoto. De posse desses medicamentos, comprou uma barba falsa comprida, uma toga preta e todo tipo de caixinhas e retortas, de modo que pudesse se apresentar adequadamente como um médico viajante. Carregou um burro com suas coisas e viajou de volta ao castelo de Thiuli-Kos. Ele podia ficar seguro que desta vez não seria identificado, pois a barba o desfigurava de tal forma que ele mesmo mal se reconhecia. Chegando em Thiuli, se fez anunciar como o médico Chakamankabudibaba e, assim como ele havia pensado, o pomposo nome deu a ele tamanha importância diante do tolo ancião, que este logo o convidou à mesa.

Chakamankabudibaba apareceu diante de Thiuli; não fazia uma hora que estavam conversando quando o ancião decidiu submeter todas suas escravas ao tratamento do sábio médico. Este mal podia esconder sua felicidade, já que agora poderia rever sua amada irmã. E, com o coração palpitante, seguiu Thiuli até o serralho. Chegaram a uma sala majestosamente enfeitada, mas onde não havia ninguém.

–Chambaba, ou seja lá qual for teu nome, caro doutor, – disse Thiuli-Kos–, vê aquele buraco no muro; ali cada uma das minhas escravas mostrará o braço, e então poderás examinar se o pulso está doente ou saudável. Mustafá argumentou como pôde. Não conseguiu vê-las como queria; contudo, Thiuli concordou em dizer qual o estado de saúde em que as moças se encontravam em condições normais. Então, Thiuli tirou do cinturão uma longa lista e começou a chamar em voz alta os nomes de suas escravas, um por um, de modo que saía uma mão de cada vez do muro e o médico verificava o pulso. Seis haviam sido examinadas e todas declaradas saudáveis, quando então Thiuli chamou a sétima, “Fatme”, e uma mão pequena e pálida surgiu do muro. Trêmulo de felicidade, Mustafá reconheceu essa mão e, com uma expressão séria, declarou que ela estava gravemente enferma. Thiuli ficou muito preocupado e ordenou ao sábio Chakamankabudibaba que preparasse logo um remédio para ela. O médico se retirou e escreveu um pequeno bilhete: “Fatme! Vou te salvar, se puderes te decidir por tomar um remédio que te fará morta por dois dias. Eu tenho o antídoto que te trará à vida novamente. Se quiseres, diga apenas ‘esse remédio não ajudou’ e isso será para mim um sinal de que concordas”.

Logo ele voltou à sala onde Thiuli aguardava. Trouxe consigo um líquido inofensivo, sentiu novamente o pulso de Fatme, socou o bilhete embaixo de seu bracelete e alcançou o líquido a ela pelo buraco do muro. Thiuli parecia estar muito preocupado com Fatme e retardou o exame das outras para uma ocasião mais apropriada. Quando deixou a sala com Mustafá, disse em tom triste:

–Chandibaba, fala com sinceridade, o que pensas da doença de Fatme?

Chakamankabudibaba respondeu com um profundo suspiro:

– Oh, senhor, pudera o Profeta consolá-lo! Ela tem uma febre insidiosa que pode ser fatal.

Tais palavras inflamaram a fúria de Thiuli:

– O que diz, cão maldito, charlatão? Essa por quem paguei duas mil moedas de ouro vai morrer como uma vaca? Saiba que se não a salvar, corto sua cabeça fora!

Meu irmão percebeu imediatamente que havia cometido uma tolice, e deu esperanças a Thiuli novamente. Enquanto ainda conversavam, veio um escravo negro do serralho para dizer ao médico que o líquido não havia ajudado.

– Usa todo o teu talento, Chamdababelda, ou seja como for teu nome, eu te pago o que quiseres, – gritou Thiuli-Kos, quase uivando de medo de perder tanto ouro.

– Vou dar a ela uma poção que irá livrá-la de todos os perigos, – respondeu o médico.

– Isso! Isso! Dê a ela uma poção, – soluçou o velho Thiuli.

Bastante animado, Mustafá foi buscar o seu sonífero, e assim que o entregou ao escravo negro e mostrou o quanto deveria ser tomado por vez, foi até Thiuli e, dizendo a ele que precisava ainda buscar algumas ervas medicinais na beira do lago, saiu pelo portão. Chegando ao lago, que não ficava muito longe do castelo, tirou suas roupas falsas e as jogou na água, onde boiaram animadamente. Ele se escondeu em uma moita, esperou o anoitecer e então se dirigiu pé por pé até a capela mortuária do castelo de Thiuli. Mustafá devia estar a menos de uma hora de distância do castelo quando foi levada a Thiuli a triste notícia de que sua escrava Fatme estava à beira da morte. Ele mandou que fossem até o lago buscar o médico, mas logo seus mensageiros voltaram sozinhos e explicaram que o pobre médico parecia ter caído na água e se afogado. Sua toga preta podia ser vista boiando no lago e aqui e ali podia se ver também sua vistosa barba em meio às ondas. Não vendo mais nenhuma salvação, Thiuli amaldiçoou a si mesmo e ao mundo inteiro, arrancou a barba e bateu a cabeça contra o muro. Porém, nada disso podia ajudar, pouco depois Fatme perdeu a vida nos braços das outras mulheres. Quando Thiuli ouviu a notícia de sua morte, ordenou que fizessem logo um caixão, pois não podia tolerar uma pessoa morta dentro de casa, e fez com que o cadáver fosse levado para o local do enterro. Os carregadores levaram o caixão até lá, deitaram-no no chão com afoito e saíram correndo, pois ouviram suspiros e gemidos vindos dos outros caixões.

Mustafá, que havia se escondido atrás dos caixões e afugentado os carregadores, saiu de seu esconderijo e acendeu um lampião, o qual havia trazido com esse propósito. Depois tirou do bolso um vidro, que continha o antídoto do sonífero, e abriu a tampa do caixão de Fatme. E que momento terrível experimentou ele, quando a luz do lampião revelou um rosto completamente estranho! Ao invés de minha irmã ou de Zoraide, outra muito diferente repousava no caixão. Ele levou algum tempo até se recuperar desse novo golpe do destino, mas por fim a compaixão triunfou sobre a fúria. Ele abriu o vidro e deu o antídoto a ela. Ela respirou, abriu os olhos e pareceu refletir um pouco sobre onde estaria. Finalmente lembrou-se do ocorrido, saiu do caixão e se lançou aos pés de Mustafá.

– Como posso lhe agradecer, bondosa criatura, – disse ela, – por ter me libertado daquele terrível cativo!

Mustafá interrompeu seus agradecimentos, indagando como era possível que ele tivesse salvado ela e não Fatme, sua irmã. Aquela olhou para ele espantada.

– Só agora está esclarecido para mim o resgate que antes me era incompreensível, – respondeu ela. – Lembra-te que naquele castelo me chamam de Fatme e foi para mim que deste o bilhete e o líquido para o resgate. Meu irmão pediu a ela notícias de sua irmã e Zoraide, e descobriu que ambas estavam no

castelo, mas que, de acordo com o costume de Thiuli, teriam recebido outros nomes. Chamavam-se agora Mirza e Nurmahal.

Quando Fatme, a escrava resgatada, percebeu que meu irmão havia se deprimido terrivelmente com esse equívoco, disse a ele para ter coragem e prometeu encontrar um meio através do qual ainda poderia salvar as duas meninas. Reanimado por esses pensamentos, Mustafá encheu-se de novas esperanças e pediu a ela que contasse sobre esse meio. Ela disse:- Faz apenas cinco meses que sou escrava de Thiuli; mesmo assim, desde o início pensei sobre uma possibilidade de escapar, mas é muito difícil para uma só. No pátio interno do castelo notarás uma fonte que lança água através de dez válvulas; essa fonte chamou minha atenção. Lembro de ter visto uma parecida na casa de meu pai, cuja água corria através de um vasto aqueduto. Para descobrir se essa fonte havia sido construída também dessa forma, certo dia elogiei sua magnitude diante de Thiuli e perguntei sobre seu arquiteto.

- Eu mesmo a construí, - respondeu ele, - e o que vês é apenas a menor parte, a água que chega até aqui vem de um riacho a no mínimo mil passos de distância, e passa por um aqueduto arqueado no mínimo tão alto quanto um homem. E tudo isso planejei sozinho.

- Depois de ter ouvido isso, desejei muitas vezes, possuir apenas por um momento a força de um homem para poder retirar uma pedra ao lado da fonte e então fugir para onde quisesse. Através do aqueduto que vou lhe mostrar agora, podes chegar até o castelo durante a noite e libertar as meninas. No entanto, debes trazer contigo, no mínimo, dois homens para que dominem os escravos que vigiam o serralho durante a noite.

Assim ela disse. Meu irmão Mustafá, embora já por duas vezes tivesse tido suas esperanças frustradas, juntou mais uma vez coragem, e tinha fé que, com o auxílio de Alá, o plano de salvar as duas escravas se cumpriria. Ele prometeu que garantiria a volta dela a sua terra natal, se o ajudasse a entrar no castelo. Apenas um pensamento o atormentava; onde ele encontraria dois ou três ajudantes confiáveis. Então meu irmão se lembrou do punhal de Orbasan e a promessa que este havia feito de correr para ajudá-lo quando fosse preciso. E partiu com a Fatme do caixão para procurar os ladrões.

Na mesma cidade onde havia se disfarçado de médico, comprou com seus últimos trocados um cavalo e providenciou para Fatme um alojamento no subúrbio, na casa de uma mulher pobre. Apressou-se em direção à montanha onde havia encontrado Orbasan pela primeira vez e chegou lá em três dias. Achou outra vez aquela tenda e, por coincidência, topou com Orbasan, que lhe deu as boas-vindas amigavelmente. Meu irmão contou a ele sobre suas tentativas frustradas, diante das quais o sério Orbasan não pôde conter algumas risadas aqui e ali, especialmente quando pensava no médico Chakamankabudibaba. No entanto, estava furioso com a traição do Pequeno e jurou enforcá-lo com

as próprias mãos quando o encontrasse. Ao meu irmão prometeu que estaria pronto a ajudá-lo assim que este recuperasse as forças empregadas na viagem. Mustafá passou a noite novamente na tenda de Orbasan, mas, com o primeiro raio de sol da manhã, partiram. Orbasan levou com ele três dos seus homens mais fortes, muito bem montados e armados. Eles cavalgaram rápido e chegaram em dois dias na pequena cidade onde Mustafá havia deixado a Fatme resgatada. Dali viajaram com ela até o pequeno bosque, de onde se podia ver o castelo de Thiuli, a pouca distância, e se acomodaram para esperar o cair da noite.

Assim que escureceu, rastejaram, guiados por Fatme, até o riacho onde começava o aqueduto, que logo foi encontrado. Neste local deixaram Fatme com os cavalos e uma criada, e se prepararam para descer. Antes de começarem, Fatme repetiu mais uma vez, com precisão, as direções que havia dado; quando saíssem da fonte para o interior do castelo, encontrariam uma torre em cada canto, na direita e na esquerda, e, na sexta porta da torre à direita, encontrariam Fatme e Zoraide, vigiadas por dois escravos negros. Bem equipados com armas e pés-de-cabra, Mustafá, Orbasan e mais dois homens desceram pelo aqueduto. Afundaram-se na água até a cintura, mas, não obstante, seguiram em frente com vigor. Em meia hora alcançaram a fonte e imediatamente apanharam seus pés-de-cabra. O muro era robusto e firme, mas não resistiria por muito tempo à força de quatro homens. Logo fizeram um buraco grande o bastante para que passassem sem dificuldade. Orbasan foi o primeiro a passar e depois ajudou aos outros. Assim que todos estavam no pátio, observaram os lados do castelo diante deles para encontrar a porta descrita, mas não estavam convictos de qual seria, já que, entre a torre da direita e a da esquerda, encontraram outra porta emparedada, que não sabiam se Fatme havia ignorado ou incluído em seu cálculo. Orbasan, no entanto, não refletiu por muito tempo.

– Minha boa espada abrirá qualquer porta, – disse ele, e foi até a sexta porta, seguido pelos outros.

Eles abriram a porta e encontraram seis escravos negros deitados no chão, adormecidos. Já estavam planejando dar a volta discretamente, pois perceberam que haviam errado a porta, quando um vulto surgiu do canto e, com toda a sua voz, gritou por socorro. Era o Pequeno do acampamento de Orbasan. Antes mesmo que os negros percebessem o que estava acontecendo, Orbasan lançou-se sobre o Pequeno, partiu seu cinto em dois, tapou sua boca e amarrou suas mãos pelas costas. Depois, se dirigiu aos escravos, alguns dos quais já haviam sido amarrados por Mustafá e pelos outros dois, e ajudou a dominá-los completamente. Ameaçaram os escravos colocando os punhais em seus peitos e perguntaram a eles onde estariam Nurmahal e Mirza, e eles responderam que estavam no aposento ao lado. Mustafá correu ao aposento e encontrou Fatme e Zoraide, que haviam despertado com o barulho. Apanharam rapidamente suas joias e roupas e seguiram Mustafá. Enquanto isso, os dois ladrões propuseram a Orbasan que levassem o que fosse possível encontrar, mas este os proibiu, dizendo:

Não se pode dizer de Orbasan que ele invade casas à noite para roubar ouro!

Mustafá e as resgatadas se lançaram rapidamente no aqueduto, onde Orbasan prometeu encontrá-los em seguida. Assim que aqueles haviam descido, Orbasan e um dos ladrões apanharam o Pequeno e o conduziram pelo pátio; lá, tendo amarrado um cordão de seda em seu pescoço, que haviam trazido com esse propósito, enforcaram-no no ponto mais alto da fonte. Depois de terem punido o infeliz pela traição, desceram eles mesmos pelo aqueduto e seguiram Mustafá. Em meio a lágrimas, as duas meninas agradeceram ao seu bravo salvador Orbasan, mas este as apressou para que fugissem logo, pois era provável que Thiuli-Kos as procurasse por todo lado. Com profunda emoção, Mustafá e as resgatadas separaram-se de Orbasan no dia seguinte; com certeza jamais o esqueceriam. Fatme, a escrava liberta, partiu disfarçada para Balsora, onde embarcaria para sua terra natal.

Após uma breve e agradável viagem, meu irmão e as meninas chegaram em casa. A felicidade de vê-los novamente quase matou meu velho pai. No dia seguinte à chegada, ele deu uma grande festa, da qual participaram todos os moradores da cidade. Diante de uma grande reunião de amigos e parentes, meu irmão teve de contar sua história, e em coro elogiaram-no e o nobre ladrão.

Quando Mustafá terminou, meu pai ergueu-se e conduziu Zoraide até ele.

– Assim retiro, – disse ele com uma voz solene, – a maldição de tua cabeça. Tome esta menina como recompensa, que, por tua imbatível coragem, conquistaste. Recebe a benção do pai e que nunca falte em nossa cidade homens que te igualem em amor fraterno, prudência e bravura!

\*\*

A caravana chegou ao fim do deserto, e com alegria os viajantes saudaram os prados verdes e as árvores frondosas, de cuja amável vista haviam sido privados por tantos dias. Em um lindo vale havia uma pousada, que escolheram para passar a noite, e apesar de esta não oferecer muito conforto ou refrescos, todos os companheiros estavam mais felizes e sociáveis do que nunca: o pensamento de terem passado pelos perigos e dificuldades costumeiras de uma viagem pelo deserto e de terem conseguido escapar, tinha aberto todos os corações e os espíritos estavam em sintonia com a diversão e o passatempo. Muley, o comerciante jovem e alegre, dançou uma dança esquisita e cantou suas músicas, o que suscitou sorrisos até mesmo de Zaleukos, o sério grego. Mas, não satisfeito por ter elevado os espíritos de seus companheiros com dança e alegria, proporcionou-lhes também, em grande estilo, a história que havia prometido. Assim que recuperou o fôlego de suas cabriolas, começou a contar a *história do pequeno Muck*.